

**Etnoconhecimento e criminalização da *cannabis***

*Ethnoknowledge and the criminalization of cannabis*

*Etnoconocimiento y la criminalización del cannabis*

**SOUZA, André Luis O. P. de**  
UFBA  
E-mail: andrecartas@gmail.com

**OLIVEIRA, Fátima**  
UNEB  
E-mail: arqueoboqueira@mail.com

**MENEZES, Luciano Silva de**  
UNEB  
E-mail: luciano\_violao@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6911-3412>

Recebido: 31/05/2024 | Revisado: 18/06/2024 | Aceito: 25/06/2024 | Publicado: 30/06/2024  
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.12576470>

**Resumo** - Esse trabalho busca esclarecer finalidades e variedades de usos da *Cannabis*, com alteridades de usos em diferentes conjunturas históricas, geográficas e socioculturais. Assim, enfatizamos importâncias econômicas e políticas, no passado, e marginalizações, nos dias atuais. Embasado em informações obtidas por meio de revisões bibliográficas, demonstramos usos variados das espécies de *Cannabis* e de seus derivados, ao longo da história da humanidade: desde sua domesticação, datada de cerca de 12 mil anos A.P., até o presente. Desse modo, sublinhamos, principalmente, aspectos de conhecimentos milenares inerentes às óticas que divergem e se confrontam com concepções mais recentes.

**Palavras-Chave:** Cannabaceae, Maconha, Enteógeno, Etnofarmacologia,

**Abstract** - This work seeks to clarify the purposes and different uses of cannabis, with different uses at different historical, geographical and socio-cultural junctures. We emphasize its economic and political importance in the past and its marginalization today. Based on information obtained through bibliographic reviews, we demonstrate the varied uses of Cannabis species and their derivatives throughout the history of humanity: from its domestication, dating back around 12,000 years B.P., to the present day. In this way, we mainly highlight aspects of ancient knowledge inherent in views that diverge and clash with more recent conceptions.

**Keywords:** Cannabaceae, Marijuana, Ethnopharmacology,

**Resumen** - Este trabajo trata de esclarecer las finalidades y los diferentes usos del cannabis, con diferentes usos en diferentes coyunturas históricas, geográficas y socioculturales. Destacamos su importancia económica y política en el pasado y su marginación en la actualidad. Basándonos en la información obtenida a través de revisiones bibliográficas, demostramos los variados usos de las especies de Cannabis y sus derivados a lo largo de la historia de la humanidad: desde su domesticación, que se remonta a unos 12.000 años antes de Cristo, hasta la actualidad. De este modo, destacamos principalmente aspectos del conocimiento antiguo inherentes a visiones que divergen y chocan con concepciones más recientes.

**Palabras clave:** Cannabáceas, Marihuana, Etnofarmacología,

## INTRODUÇÃO

É possível delinear partes das práticas utilizáveis, seculares, da *Cannabis* e os fenômenos ópticos e comportamentais, sobretudo, de recentes arbitrariedades atribuídas aos seus usos?

A *Cannabis* pertence à família das *cannabaceae*, sua classificação botânica dentro da ciência moderna ocorreu em 1753, por Linnaeus (*Cannabis sativa* L.). Já em 1875, Jean Baptiste Lamarck classificou a espécie mais medicinal (*Cannabis indica* Lam.). (López, 2014). Atualmente a ciência reconhece outra espécie menos comum, a *Cannabis ruderalis*, além de outras variedades de *Cannabis sativa* e *Cannabis indica* (López, 2014).

Antes de se tornar uma planta proscrita pela jurisdição antidrogas, a maconha está documentada em antigos tratados medicinais e livros sagrados de diferentes culturas e religiões, com uma profusão de aplicações e maneiras de beneficiamento de partes da planta.

Após o período neolítico, na Ásia Central (Li, 1974; Abel, 1980; Town, 1991; Fleming e Clark, 1998; Bennet, 2010 e Warf, 2014), onde a o xamanismo e a medicina se confundiam, a humanidade catalogou e identificou os efeitos dessa planta, recentemente reconhecidos pela ciência moderna, que tem revelado os aspectos terapêuticos de compostos da *Cannabis sativa* (Honorio, Arroio e SILVA, 2006; Leun, 2011; Lamarine, 2012; López, 2014).

O etnoconhecimento é compreendido como o saber tradicionalmente adquirido no processo histórico de apropriação e transmissão de conhecimentos oriundos da adaptabilidade no ambiente. Este tema é aqui abordado na perspectiva da etnoecologia que corresponde ao “estudo do complexo integrado pelo sistema de crenças (*kosmos*), o conjunto de conhecimentos (*corpus*) e de práticas produtivas (*praxis*)” (Toledo e Barrera-Bassols, 2009), e da etnobiologia, cuja origem se vincula à antropologia cognitiva e à etnociência, “que busca entender como o mundo é percebido, conhecido e classificado por diversas culturas humanas” (Begossi, 1999).

Todas são influenciadas pela antropologia de Lévi-Strauss (1964), que analisou os saberes populares e os comparou aos científicos. Seguindo, assim, a abordagem metodológica da etnoecologia, analisando os sistemas integrados pelas crenças: conhecimentos e práticas como sendo indissociado. Concordamos com Lévi-Strauss, quando o autor assinala que:

foi necessária uma atitude de espírito verdadeiramente científico, uma curiosidade assídua e sempre alerta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, pois apenas uma pequena fração das observações e experiências... podia fornecer resultados práticos e imediatamente utilizáveis. (1964:30).

Ao contrário do ópio, retirado da papoula (*Papaver somniferum*), cujo princípio ativo foi apresentado em 1816 (Duarte, 2005) e o da coca (*Erythroxylon coca*), cujo princípio ativo foi descoberto em 1860 (Barreto, 2013), ambos descobertos no século XIX; o primeiro caso de isolamento do tetraidrocanabinol,  $\Delta^9$  - THC, princípio ativo da *Cannabis*, só ocorreu em 1964, por Gaoni e Mechoulam (Honório, 2006), o que demonstra que a intolerância à maconha abre margens para interrogações referentes aos estudos científicos posteriores. Reflexões sobre os preconceitos são também essenciais nessas interrogações. A propósito o sistema endocanabinóide, encontrado no nosso sistema nervoso, durante séculos também permaneceu desconhecido da comunidade científica e, como explicitado por Costa *et al* (2011), sua descoberta no final do século XX permitiu uma nova visão sobre o tema, desafiando e revolucionando a, até então, arraigada visão clássica sobre a *Cannabis*.

O antropólogo Edward Mcrae, que estudou diversos grupos e usos da *Cannabis* no Brasil, destaca o uso enteógeno da planta em religiões, como a Rastafari e o Santo Daime (Mcrae, 2004 e 1998). A palavra enteógeno de origem grega significa "manifestação interior do divino" e é sugerida em substituição aos termos alucinógeno e psicodélico, associados ao uso recreativo de substâncias psicotrópicas, demarcando o caráter religioso e espiritual do uso ritualístico de substâncias ampliadoras da consciência, sem descaracterizar de maneira pejorativa costumes e tradições de outras culturas (Roberts, 2014).

Sublinhamos que o presente trabalho, com o auxílio de um corpo bibliográfico, tem por objetivo, explicitar os seculares usos da *Cannabis* em suas diversidades, a partir de uma visão sistêmica na perspectiva do etnoconhecimento, bem como, evidenciar que sua atual criminalização no mundo ocidental está alicerçada ou permeada de preconceito e desconhecimento histórico e científico.

## **METODOLOGIA**

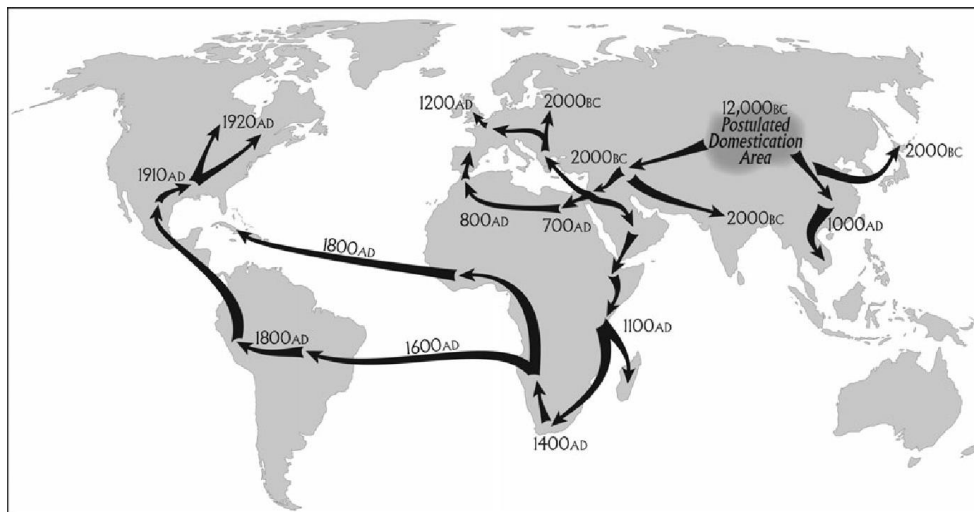
As bases essenciais de análises de conhecimentos, pertinentes, para as investigações, foram, principalmente, artigos obtidos em bancos de indexagem nacionais e internacionais, associados ao conceito *Cannabis* em convergência com as palavras etnoconhecimento, *ethnoknowledge*, etnoecologia e enteógeno. Para cada busca foram checados os 200 primeiros resultados. Também cotejamos resultados com outras fontes literárias especializadas na temática e em suas conjunturas sociais e históricas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados arqueológicos descrevem um recuo de até 12.000 anos A.P. do uso humano da *Cannabis*. Abel (1980) sugere esta data como o período de domesticação da planta, atribuindo a ela o título de uma das mais antigas cultivadas pela humanidade. Warf (2014) afirma que a planta evoluiu nas estepes da Ásia Central, especificamente na Mongólia e sul da Sibéria (Figura 01), embora reconheça que outros autores sugerem o vale do Rio Amarelo, na China. Por exemplo, Li (1974), que descreve pinturas da planta em cerâmicas chinesas do Período *Yangshao*, datadas de 6.200 A.P.; ou a Cordilheira *Indocuche*, no Afeganistão, como possíveis áreas de origem. A autora afirma ainda que a biogeografia da planta oscilou ao longo do tempo, principalmente em resposta ao aumento e diminuição dos glaciares durante o Pleistoceno.

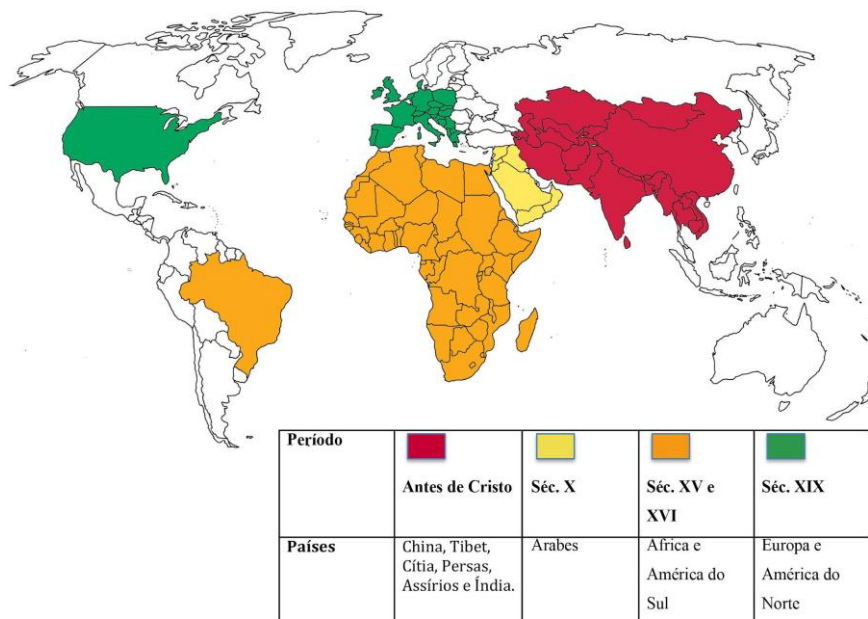
De acordo com Bennet (2010), homens e mulheres da Idade da Pedra não estavam familiarizados apenas com fibras de *Cannabis*, mas também com os efeitos da queima da planta. A pesquisa e o mapa da disseminação da *Cannabis* no mundo podem apresentar indícios de sincronia. Contudo, é preciso entender mais sobre a expansão das fronteiras e dos cultos religiosos. Compreender também as mais variadas diásporas humanas, as rotas comerciais terrestres e marítimas que permitiam trocas e intercâmbios culturais – cognitivos e auxiliavam a humanidade na sua jornada adaptativa, como ilustram as figuras 1 e 2.

**Figura 1 – Mapa de difusão histórica da *Cannabis*.**



Fonte: Warf, 2014.

**Figura 2: Períodos do uso da *Cannabis* como artefato medicinal.**



Fonte: Adaptado de Zuardi, 2006.

Segundo Bennet (2010), o uso da *Cannabis* no mundo antigo era alimentício, medicinal e têxtil. A planta “manifestava” um expressivo poder de sacralidade, possuía uma eficácia como medicamento e como elemento sagrado, como está demonstrado abaixo:

**Quadro 1 – Utilidades da Cannabis**

Usos Associados	Descrição
Medicinal	É provável que o uso medicinal e religioso da <i>Cannabis</i> , na Índia, seja de aproximadamente 2.000 anos A.P., com aplicações farmacológicas tais como: analgésico (dor de cabeça e dente); anticonvulsivante (epilepsia, tétano, raiva), hipnótico, tranquilizante (ansiedade, mania, histeria), anestésico, anti-inflamatório (reumatismo e outras), uso tópico de infecções de pele, erisipela, tuberculose, antibiótico, antiparasitário (vermes internos e externos), antiespasmódico (cólicas, diarreias), digestivo, estimulante do apetite, diurético, afrodisíaco ou anafrodisíaco, contra tosses e expectorante no tratamento de bronquites e asma (Zuardi, 2006).
Religioso	A planta era chamada de “qunubu” que significa “uma maneira de produzir fumaça”, uma das possíveis origens etimológicas para o nome <i>Cannabis</i> . Os xamãs que conheciam as propriedades fitoterápicas das plantas eram chamados de “kapnobatai”, que quer dizer “aqueles que andam na fumaça/nuvens”, queimavam as flores da <i>Cannabis</i> para entrar em estado de transe” (Honório, 2006).
Econômico (fibras, alimentos, etc)	Na China Antiga, a planta teve seu potencial de fibra totalmente explorado, o linho de cânhamo, amplamente utilizado como tecido, também tinha outra funcionalidade: o papel encontrado no túmulo do imperador Wu (104-87 a C, dinastia Han), fabricado com cânhamo, antecipa em dois séculos a suposta invenção do papel. Nos monasterios tibetanos, as histórias monásticas eram igualmente escritas no papel de cânhamo. (Town, 1981). Em partes do Nepal, a semente de <i>Cannabis</i> ainda é consumida como grãos ou óleo de cozinha (idem).
Recreativo	A introdução da <i>Cannabis</i> e o hábito de fumar “maconha” no Brasil e outros países da América estão associados aos africanos escravizados desde a colonização. Tendo o seu cultivo difundido em áreas do norte e nordeste “entre populações indígenas, habitantes de zonas rurais e segmentos urbanos populares e marginalizados”; utilizada por pescadores, como estimulante para os trabalhadores braçais, como erva medicinal, como agente catalisador das rodas de fumantes que se reuniam no fim da tarde para usar recreativamente a erva (Mcrae, 2004).

Além de utilizada como uma planta enteógena na doutrina do Santo Daime (Mcrae, 1998), a *Cannabis* faz parte da farmacopéia cultural associada aos adeptos desta prática, revelando um conhecimento adquirido, como demonstra o quadro abaixo:

**Quadro 2 – Usos terapêuticos de diferentes partes da Cannabis**

Partes da planta	Aplicação
Chá das folhas e raízes	Cura de gripe, febre, indigestão, vômitos, diarreia, dor de cabeça e neurastênia.
Flores (fumadas)	Anestésico, no auxílio do parto, para aliviar hemorróidas, hernias, depressão, fadiga, náuseas, tontura, contra pressão arterial elevada, asma, entre outros.
Cinzas	Utilizadas por suas propriedades antissépticas e cicatrizantes, aplicada como pomada no tratamento de micoses, feridas, úlceras e eczemas.
Compressas	Tratamento de contusões.
Tintura	Combate a cólicas, indigestão e espasmos.

Fonte: Da Silva apud Mcrae, 1998.

Para Holland (2010), no campo da psiquiatria, a *Cannabis* tem sido utilizada no tratamento contra depressão, ansiedade, déficit de atenção, mal-estar e insônia por

milhares de anos, por milhões de pessoas que se automedicam, em todo o mundo, contra esses e outros sintomas. Holland afirma que o cérebro humano, em particular o córtex, possui inúmeros receptores para a *Cannabis*, como uma rede interconectada. Da mesma forma são as endorfinas que estimulam os receptores opióides, e as anandamidas que ativam os receptores canabinóides, levando a crer que evoluímos neste planeta junto com a *Cannabis*, desde muito tempo.

Muitos dos saberes ancestrais, relativos ao uso medicinal da planta, encontram um paralelo nos usos terapêuticos indicados pela ciência moderna, cujas investigações atuais se beneficiam de esforços conjuntos entre a química, a bioquímica e a farmacologia. Esse enfoque multidisciplinar nos permitiu conhecer os mecanismos de ação e as características moleculares e estruturais do sistema canabinóide endógeno (Morales, Figueredo, Montalbán, García, Suárez, Díaz e Tiomnova, 2008).

Essas novas descobertas revelam um campo de pesquisa em expansão, ampliando o uso terapêutico da *Cannabis*, inclusive em temas polêmicos, como nos tratamentos em psiquiatria, campo no qual os sistemas canabinóides têm apresentado resultados promissores (Crippa, Zuardi e Hallak 2010).

No Brasil, a *Cannabis* foi trazida nas caravelas portuguesas, como conta Carlini (2006), nas velas e nas cordas destas embarcações, na forma de fibras de cânhamo e, posteriormente, teve seu uso popularizado pelos africanos escravizados que a chamavam de “fumo de Angola”. Seu uso recreativo se estendeu também aos indígenas que passaram a cultivar a planta. Carlini afirma que o uso da *Cannabis* era restrito ao público menos favorecido economicamente, mas haviam exceções na classe dominante branca, como por exemplo a rainha Carlota Joaquina, que teria “o hábito de tomar chá de maconha”. De acordo com o autor, na segunda metade do século XIX, esse quadro começou a mudar, quando, iniciou-se vastamente o uso medicinal da planta, aceito pela classe médica brasileira. As cigarrilhas Grimault, ainda em 1905, eram comercializadas com fins medicinais, indicadas contra asma, catarros, insônia, roncaduras e flatos (Figura 03). Mas a partir dos anos de 1930 a repressão ganhou força no Brasil, para Carlini, devido à postura do delegado brasileiro Dr. Pernambuco, na II Conferência Internacional do Ópio, realizada em 1924 em Genebra, onde o mesmo declarou que a *Cannabis* era “mais perigosa que o ópio”.

**Figura 03 – Propaganda dos Cigarros Grimault, à base de *Cannabis Indica*.**



Fonte: Carlini, 2006.

Para Saad (2013), a criminalização da maconha no Brasil, em 1932, está associada à criminalização das práticas culturais de seus usuários, como foi o caso dos cultos afro-brasileiros como o candomblé. A autora afirma que a transformação do uso de drogas psicoativas em “problema social” foi cercada por fatores que não podem ser isolados uns dos outros, sejam eles religiosos, políticos, econômicos ou morais:

Nesse contexto, as práticas e costumes negros, tão presentes em uma sociedade recém-saída da escravidão, representavam empecilhos para o lema “ordem e progresso” pretendido pela elite política e intelectual. Assim como o candomblé e a capoeira, a maconha estava associada aos africanos e seus descendentes e seu uso, além de prejudicar a formação de uma República moralmente exemplar, poderia se disseminar entre as camadas ditas saudáveis – leia-se brancas – e arruinar de vez o projeto de uma nação civilizada. (2013:05)

Bonnie e Whitebread (1970) mencionam que até a inclusão da maconha no “Ato Uniforme de Drogas Narcóticas”, em 1932 e a aprovação da Lei de Imposto sobre Marihuana em 1937, não havia nenhuma política pública nacional com relação à droga nos Estados Unidos. Mas, já em 1914, as Leis Sanitárias da Cidade de Nova York incluíam *Cannabis* em uma lista de drogas proibidas. Para os autores, a ação legislativa e a aprovação foram essencialmente respostas desinformadas de estudos científicos, em um debate público de viés racial e mitos sensacionalistas.



Em seu trabalho, Bonnie e Whitebread afirmam que havia três influências principais para a criminalização da Cannabis nos Estados Unidos, no início do século XX: 1 - O preconceito racial; 2 - A suposição de que a maconha seria utilizada como substituta do álcool e dos narcóticos; 3 – Uma lei de Nova Iorque que foi precursora da lei nacional antimaconha. O preconceito seria um motivo primordial. Durante esse período, a legislação sobre a maconha era geralmente um fenômeno regional presente nos estados do Sul e do Oeste. Sendo, seu uso limitado, principalmente a mexicanos-americanos que estavam imigrando em maior número para esses Estados.

Entretanto, como toda planta que possui ações psicotrópicas e relativo grau de toxicidade, a *Cannabis* também possui efeitos e sintomas variados a depender de quem a utiliza. Essas reações adversas são mencionadas em culturas como a persa e a indiana, que perceberam como o uso excessivo da planta pode ocasionar problemas de saúde como idiotia, insuficiência cardíaca, anemia, catalepsia, entre outros (Town, 1981).

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Ao longo de sua evolução biológica e cultural, a espécie humana sempre manteve estreitas relações ecossistêmicas com os mais variados recursos botânicos. Amiúde, essas relações se deram por questões de subsistência ou por fatores socioculturais. Afirmamos que as implicações da utilização da *Cannabis* no decorrer da história humana não estão, exclusivamente, restritas aos aspectos psicoativos da planta, ainda que estes tenham desempenhado papel fundamental entre diversas sociedades.

Ao discorrer sobre a importância econômica das fibras de cânhamo, das sementes e de inúmeros outros produtos derivados da maconha, no tocante ao desenvolvimento político e de corpos econômicos consideráveis, em diversos períodos históricos, observa-se que a marginalização atual da planta traz, essencialmente, uma arbitrariedade nociva de regulação moral. Em alguns casos, acrescentam-se aos arbítrios, conhecimentos superficiais e preconceito, estritamente ou sutilmente associados às questões de segregação étnicoracial.

Atualmente, alguns países têm revisto o estatuto de criminalização da *Cannabis*. Esses movimentos têm estimulado o surgimento de novas pesquisas científicas,

desmistificando discursos negativos, arraigados a partir do século XX, e que ainda continuam, parcialmente avivados, no imaginário coletivo.

No Brasil, a discursividade inerente à *cannabis sativa* tem ganhado novos contornos de complexidades. Em junho de 2024, o Supremo Tribunal Federal – STF, que pretende distinguir “usuários” de “traficantes” e “crime” de “ato ilegal”, postergou o julgamento e discute um possível prazo de 18 meses para que os poderes Legislativos e Executivos estabeleçam novas políticas referente à *cannabis*. Os critérios relacionados à quantidade de *cannabis*, em posse dos sujeitos, que podem ou não determinar a criminalização, as competências, os reconhecimentos formais e informais, o poder de disciplinar ou de incriminar, por parte do justiça jurídica, demandam vários níveis de reflexões e de especulações. Inúmeras formas de conhecimento, como por exemplo, o empírico, o racional, o místico, o coletivo e o individual, muitas vezes, visam o alcance de medidas que beneficiem à saúde pública, sobretudo, pelos usos medicinais da planta.

Ademais, o conhecimento histórico assume uma enorme responsabilidade de apresentar e de refutar, substancialmente, todas as formas de preconceitos atávicos, associados à *cannabis*, assim como também os preconceitos referentes aos negros, aos povos tradicionais, aos indígenas, aos marginalizados, as mulheres, aos trabalhadores braçais, e aos pobres, de modo geral.

## REFERÊNCIAS

- ABEL, E. *Marihuana: The First Twelve Thousand Years*. New York: Plenum Press. 1980.
- BARRETO, I. F. O Uso da Folha de Coca em Comunidades Tradicionais. **Perspectivas em Saúde, Sociedade e Cultura. Hist. Cienc. Saude-manguinhos**. Vol. 20 nº 2, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702013000200627](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000200627)>. Acesso em: 14. out. 2016.
- BEGOSSI, A. Ecologia Humana: Um Enfoque Das Relações Homem-Ambiente. **Interciência** 18(3): 121-132. 1993. Disponível em: <[http://www.interciencia.org/v18\\_03/art01/](http://www.interciencia.org/v18_03/art01/)>. Acesso em: 14. nov. 2016.
- BENNET, C. Cannabis in the Ancient World. In *The Pot Book: A complete guide of Cannabis - Its Role in |Medicine, Politics, Science, and Culture*. Edited by Julie Holland. Park Street Press, Canadá, 2010.
- BONNIE, R. J.; WHITEBREAD, Charles H. The forbidden fruit and the tree of knowledge: an inquiry into the legal history of american marijuana prohibition. **VIRGINIA LAW REVIEW**,

volumen 56, Number 6, 1970. Disponível em:  
<http://www.druglibrary.org/schaffer/library/studies/vlr/vlrtoc.htm>

CRIPPA, J.A.S., ZUARDI, A.W., HALLAK, J. E. C. Uso Terapêutico dos canabinoides em psiquiatria. **Ev Bras. Psiquiatr.** Vol. 32, supl. 1, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462010000500009&script=sci\\_arttext&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462010000500009&script=sci_arttext&tIng=pt)>. Acesso em: 20. out. 2016.

Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1931-0846.2014.12038.x/abstract>>. Acesso em: 10. nov. 2016.

DUARTE, D.F. Uma Breve história do Ópio e dos Opióides. **Rev. Bras. Anestesiol.** Vol 55 nº1. 135.146. 2005. Disponível em: < [www.scielo.br/pdf/rba/v55n1/v55n1a15.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rba/v55n1/v55n1a15.pdf)>. Acesso em: 17. out. 2016.

FIRST, P. T. **Flesh of the gods: The Ritual use of Hallucinogens.** Waveband Press, INC. Illinois 1972. Disponível em: <<http://www.liveprayer.net/downloads/medical-health/herbs/marijuana/hallucinogenic-plants/Ritual%20use%20of%20hallucinogens.pdf>>. Acesso em: 12. out. 2016.

FLEMING, M. P.; CLARK, Robert C. Physical evidence for the antiquity of Cannabis sativa L. **Journal of the International Hemp Association** 5(2): 80-92. 1998. Disponível em: <<http://www.internationalhempassociation.org/jiha/jiha5208.html>>. Acesso em: 13. out. 2016.

HOLLAND, J. **The Pot Book: A complete guide of Cannabis - Its Role in Medicine, Politics, Science, and Culture.** Edited by Julie Holland. Park Street Press, Canadá, 2010.

HONORIO, M. K., ARROIO, A., SILVA, A. B. F. Aspectos terapêuticos de compostos da planta Cannabis sativa. **Quím. Nova** vol.29 no.2. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-40422006000200024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422006000200024)>. Acesso em: 01. nov. 2016.

LAMARINE, R. Marijuana: Modern Medical Chimaera. **J Drug Educ.** 42. 1-11. 2012. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22873011>>. Acesso em: 05. nov. 2016.

LEUNG, L. Cannabis and its derivatives: review of medical use. **J Am Board Fam Med.** 24:452–462; 2011. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21737770>>. Acesso em: 19. out. 2016.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papyrus, [1962], 1989.

LI, Hui-Lin. "The Origin and Use of Cannabis in Eastern Asia: Linguistic-Cultural Implications", **Economic Botany** 28.3:293-301, p. 294, (1973). Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4253516>>. Acesso em: 27. out. 2016.

LI, Hui-Lin. An Archaeological and Historical Account of Cannabis in China. **Economic Botany**, 28 (4): 437–448. 1974. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/4253540>>. Acesso em: 24. out. 2016.

LÓPEZ, G. E., BRINDIS, F. NIIZAWA, S. MARTINEZ, R. Cannabis Sativa L., Una Planta Singular. **Revista Mexicana de Ciências Farmacéuticas**, vol 45 nº 4, 2014. Disponível em: < [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-01952014000400004&lng=es&nrm=iso&tIng=es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-01952014000400004&lng=es&nrm=iso&tIng=es) >. Acesso em: 13. nov. 2016.

LOZANO, I. El Uso Terapeutico del Cannabis Sativa I. En la Medicina Árabe. **Asclepio** - Vol. XLIX-2, 1997. Disponível em: <<http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/viewFile/373/371>>. Acesso em: 16. out. 2016.

MCRAE, E. **Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias**. Edward Macrae, Júlio Assis Simões. Salvador: EDUFBA; UFBA/CETAD, Coleção drogas: clínica e cultura, 2004. Disponível em: <<http://www.giesp.ffch.ufba.br/Textos%20Edward%20Digitalizados/24.pdf>>. Acesso em: 05. nov. 2016.

MCRAE, E. Santo Daime and Santa Maria – The licit ritual use of ayahuasca and the illicit use of cannabis in a Brazilian Amazonian religion. **International Journal of Drug Policy** 9, 325–338, 1998. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0955395998000450>>. Acesso em: 17. out. 2016.

MORALES, J. E. T., FIGUEREDO, Y. N., MONTALBÁN, M., GARCÍA, L. M., SUÁREZ, H. C., DÍAZ, J. A.M., TIOMNOVA, O. T. Canabinoides: análogos y perspectivas terapéuticas II. **Rev Cubana Farm** v.42 n.3 Ciudad de la Habana sep.-dic. 2008. Disponível em: <[http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75152008000300011](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75152008000300011)>. Acesso em: 20. out. 2016.

ROBERTS, T. B. **The New Religious Era - From the 500-year Blizzard of Words to Personal Sacred Experiences**. forthcoming 2014 in: Harold J. Ellens (editor) Seeking the Sacred With Psychoactive Substances: Paths to Self and God. Praeger/ABC-CLIO, Westport, CT. 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5582186/The\\_New\\_Religious\\_Era\\_From\\_the\\_500-year\\_Blizzard\\_of\\_Words\\_to\\_Personal\\_Sacred\\_Experiences](https://www.academia.edu/5582186/The_New_Religious_Era_From_the_500-year_Blizzard_of_Words_to_Personal_Sacred_Experiences)>. Acesso em: 11. nov. 2016.

SAAD, L. G. **“Fumo de negro”: A criminalização da maconha no Brasil** (c. 1890-1932). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13691/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20LUISA%20SAAD.pdf>

TOLEDO, V.M., BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/made/article/view/14519>>. Acesso em: 14. nov. 2016.

TOWN, M. The Religious and Medicinal Uses of Cannabis in China, India and Tibet. **Journal of Psychoactive Drugs** Vol. 13(1) Jan-Mar, 1981. Disponível em: < [www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7024492](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7024492)>. Acesso em: 11. out. 2016.

UNIYAL SK, Singh KN, Jamwal P, Lal B. Traditional use of medicinal plants among the tribal communities of Chhota Bhangal, Western Himalaya. **J Ethnobiol Ethnomed**. 2006 Mar 20;2:14. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16545146>>. Acesso em: 13. out. 2016.

WARF, B. High points: an historical geography of Cannabis. **Geographical Review by the American Geographical Society of New York**, v.104 (4), p.414–438, 2014.

ZUARDI, A. W. History of cannabis as a medicine: a review. **Rev. Bras. Psiquiatr.** vol.28 no.2 São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000200015)>. Acesso em: 17. out. 2016.